

**PSICOTERAPIA CORPORAL E AUTOGESTÃO GRUPAL - CARTOGRAFIA DE
UMA PESQUISADA**

**BODY PSYCHOTHERAPY AND GROUP SELF-MANAGEMENT - MAPPING A
RESEARCH**

**PSICOTERAPIA CORPORAL Y AUTOGESTIÓN GRUPAL - MAPEO DE UNA
INVESTIGACIÓN**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-105>

Data de submissão: 09/08/2025

Data de publicação: 09/09/2025

Marcus Vinícius de Araujo Câmara

Doutor em Psicologia

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: mvinicamara@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9761-9958>

Raphael Ferreira de Ávila

Doutor e Mestre em Psicologia

Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

E-mail: raphaeldeavila@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8721-5682>

Tiago Cupolillo Mota

Graduado e Mestre em Psicologia

Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

E-mail: cupolillotiago@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4298-8796>

Ingrid Sodré Calazans

Pós-graduada em Gestão de Pessoas

Instituição: Universidade Cândido Mendes (UCAM)

E-mail: ingridscalazans@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3802-4304>

Juliana da Silva Fonseca

Mestre em Psicologia

Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

E-mail: juliareichenergia@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7057-6193>

Karen Lopes das Neves

Especialista em Saúde Mental e Desenvolvimento Humano

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)

E-mail: karen06psi@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0059-903X>

Maíra Teixeira Camara de Oliveira
Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial
Instituição: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz
(ENSP/Fiocruz)
E-mail: mairamunic@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7246-8379>

Thaís Carvalho do Rio
Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: psi.thaiscarvalhodorio@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9722-2079>

Caroline Vitória Affonso Lopes da Silva
Psicóloga graduada
Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
E-mail: carolvitoria.affonso@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4115-589X>

RESUMO

Este artigo trata de uma pesquisação, articulada ao método de análise de conteúdo, realizada em grupos. Após estudo teórico conectando a teoria de Wilhelm Reich com as obras de Max Pagès e Georges Lapassade, formulou-se a hipótese de que o emprego de técnicas não verbais tornaria práticas grupais mais eficazes, contribuindo para uma maior autonomia dos membros do grupo e do próprio grupo. Iniciou-se, então, um treinamento de discentes de graduação e de pós-graduação em psicologia para que pudesse intervir em grupos de trabalhadores. Estes coordenaram dois grupos clínicos na cidade do Rio de Janeiro. Como resultado dos trabalhos clínico-sociais nos referidos grupos, tornou-se evidente a potência dos processos de autorregulação pessoal e de autogestão grupal.

Palavras-chave: Grupos. Wilhelm Reich. Autorregulação. Autogestão.

ABSTRACT

This article deals with a research project, articulated with the content analysis method, carried out in groups. After a theoretical study connecting Wilhelm Reich's theory with the works of Max Pagès and Georges Lapassade, we formulated the central hypothesis that the use of non-verbal techniques would make group practices more effective in what they set out to do, contributing to greater autonomy for the members of the group and for the group itself. Training began for undergraduate and postgraduate psychology students so that they could intervene in groups of workers. These members of the research team then coordinated two clinical groups in two neighborhoods in the city of Rio de Janeiro. As a result of the clinical-social work in these groups, the power of the processes of personal self-regulation and group self-management became evident.

Keywords: Groups. Wilhelm Reich. Self-regulation. Self-management.

RESUMEN

Este artículo trata de un proyecto de investigación, articulado con el método de análisis de contenido, realizado en grupo. Tras un estudio teórico que conectaba la teoría de Wilhelm Reich con los trabajos de Max Pagès y Georges Lapassade, formulamos la hipótesis central de que el uso de técnicas no verbales haría que las prácticas grupales fueran más eficaces en lo que se proponían, contribuyendo a

una mayor autonomía de los miembros del grupo y también del propio grupo. Se inició la formación de estudiantes de psicología de grado y postgrado para que pudieran intervenir en grupos de trabajadores. Posteriormente, estos miembros del equipo de investigación coordinaron dos grupos clínicos en dos barrios en la ciudad de Río de Janeiro. Como resultado del trabajo clínico-social en estos grupos, se evidenció el poder de los procesos de autorregulación personal y autogestión grupal.

Palabras clave: Grupos. Wilhelm Reich. Autorregulación. Autogestión.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto de uma pesquisa homônima que foi desenvolvida ao longo de dois períodos: de 2016 a 2019 e de 2022 a 2024, em função da epidemia de COVID 19. A coordenação da mesma foi realizada pelo professor doutor Marcus Vinicius Câmara e contou com a participação inicial de doze estudantes da graduação e de pós-graduação de psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Os estudantes da graduação, posteriormente e ao longo do desenvolvimento da pesquisa, tornaram-se psicólogos. Estes, ao final da investigação acadêmica, perfizeram o total de oito integrantes da equipe de psicólogos. A temática tratada ancorou-se em uma pesquisação que, por meio da psicoterapia corporal, pôde favorecer uma maior autorregulação dos integrantes dos três grupos pesquisados. Entretanto, a ampliação da autogestão somente ocorreu em um dos grupos.

A literatura publicada que envolve psicoterapias corporais de grupo ainda é muito incipiente. Assim, essa investigação foi uma contribuição que visou suprir esta lacuna. Em 1983, Saidon já apontava para esta questão, embora, este universo tenha se expandido mais recentemente, como constatamos no artigo de Nogueira e Albertini (2014). Concretizamos, assim, por meio do desdobramento da tese de doutorado do primeiro autor deste artigo “Para além do claustro bipessoal: proposições teóricas para uma psicoterapia grupal de base reichiana”, defendida na UFRJ, em 1999 e do livro “Reich, Grupos e Sociedade” (2009) – produto da referida tese e de práticas grupais com trabalhadores de baixa renda – uma intervenção psicoterápica grupal que levou em consideração a importância das técnicas não verbais para desvendar, não só o inconsciente pessoal dos membros dos grupos, como também, o inconsciente social dos próprios grupos.

A maioria das abordagens psicoterápicas de grupo, ainda que utilizem algumas técnicas não verbais, está ancorada fundamentalmente na comunicação verbal. Isto, a nosso ver, configura uma limitação, especialmente, quando o objeto de trabalho é o grupo, dada à complexidade das relações intra e intergrupais. Disto resulta a seguinte questão: poderia uma pesquisação fundamentada em práticas grupais, tanto verbais quanto corporais, contribuir para uma maior autorregulação dos integrantes de um grupo e maior autogestão dos próprios grupos? Tal indagação nos levou a investigar este problema a partir de três teorias de grupo: a Análise Reichiana, a Psicanálise e a Psicossociologia de Max Pagès e a Socioanálise de Georges Lapassade. A primeira perspectiva é a referência básica na qual o coordenador da pesquisa em tela se ancora. Aqui, comprehende-se a Teoria Reichiana articulada, fundamentalmente, à Esquitoanálise proposta por Deleuze e Guattari. A escolha dos outros dois autores (Pagès e Lapassade) é sustentada pelo fato de que, em suas respectivas escolas ou correntes, foram os que mais produziram conteúdo teórico sobre trabalhos não verbais com grupos.

Em função de nossa revisão de literatura e de nossa prática psicoterapêutica, formulamos a hipótese central de que o emprego de técnicas não verbais tornaria as práticas grupais mais eficazes naquilo a que elas se propõem. Além disso, esperávamos que tais técnicas se mostrassem um “atalho” consistente para desvelar as forças sócio-históricas ocultas que atravessam os indivíduos e os próprios grupos, contribuindo para uma maior autonomização de ambos.

O objetivo básico desta intervenção psicorporal grupal foi contribuir para a ampliação da autorregulação individual e da autogestão grupal, a partir do desvelamento dos inconscientes pessoal e social. Sabemos que as inserções individuais no grupo espelham as determinações sócio-históricas (inconsciente social) que nem sempre são percebidas pelo grupo. As condutas individuais, harmonizando-se em uma unidade grupal, apresentam atitudes contraditórias a respeito dos mecanismos autoritários de poder, dos discursos manifestos e de uma sexualidade sujeitada e instituída. Cabe, então, ao psicoterapeuta apontar estes paradoxos, favorecendo a criação de outros possíveis modos de existir que sejam transformadores aos níveis pessoal e grupal.

O tipo de pesquisa utilizado é a pesquisação (Thiollent, 1987), articulada ao método de Análise de Conteúdo (Ludke e André, 1986). Pesquisação é um tipo específico de pesquisa participante centrada na ação. Ela é necessariamente uma pesquisa crítica (Franco, 2005). Caracteriza-se por desconsiderar a possibilidade de neutralidade do pesquisador, implica em reflexão crítica, e é adequada a grupos populares, já que seus achados tendem a retornar para a comunidade, visando transformação social. A análise de conteúdo (Mendes E Miskulin, 2017) diz respeito a um método que possibilita analisar qualitativamente dados de uma pesquisa. Por meio da transformação dos dados em categorias de análise alcança-se uma compreensão do processo que se está a investigar, tanto nos seus aspectos explícitos como em seus aspectos implícitos.

A presente pesquisa foi constituída de três fases distintas. Na primeira, foi formada uma equipe de pesquisa, constituída pelo coordenador da pesquisa, estudantes de psicologia e psicólogos. Estes passaram por um treinamento teórico-vivencial de como intervir psicorporalmente em grupos. A seguir foi realizada uma análise de conteúdo. Nesta, as *expressões verbais e não verbais* mais significativas (dados da pesquisa), que emergiram ao longo dos encontros do treinamento teórico-vivencial da equipe de pesquisa, foram transformadas em *temas* e estes por sua vez foram aglutinados em *categorias de análise*. Estas foram utilizadas como parâmetro para se avaliar o processo de desenvolvimento da equipe de pesquisa. Na segunda fase os psicólogos da equipe de pesquisa (neste momento todos os estudantes já haviam se graduado) coordenaram grupos populares/comunitários e de classe média, sob a supervisão do coordenador da pesquisa. Na sequência, da mesma forma, foi realizada uma análise de conteúdo, resultando na elaboração das categorias de análise, seguida de uma

avaliação. Na terceira e última fase foram realizados a avaliação geral e o relatório final da pesquisa, que ora torna-se o presente artigo.

Ao longo desta pesquisa qualitativa, explicitamos os aspectos das principais teorias dos autores mencionados, marcando semelhanças e diferenças, pontos de aproximação e de ruptura, mencionados na fundamentação teórica do presente artigo. No que se refere ao aspecto prático da pesquisa qualitativa, por meio da análise de conteúdo, foram verificados os temas que emergiram ao longo da pesquisa, os quais foram transformados em categorias de análise que nos auxiliaram na avaliação da prática grupal.

A opção pela pesquisa qualitativa se respaldou no referencial epistemológico e no objetivo já enunciados. Desse modo, a investigação teórica e as práticas desenvolvidas, adequadas ao objeto da pesquisa, foram problematizadoras dos temas que emergiram nos encontros grupais. Esperamos ter constituído subsídios para intervenções clínico/sociais inovadoras, sem, contudo, dogmatizá-los. Desejamos ainda que esta sistematização tenha tido consistência, mas, ao mesmo tempo, tenha sido suficientemente fluida para ser ora questionada, ora negada ou desconstruída na exata medida da sua necessidade.

A presente pesquisa recebeu parecer favorável pela Comissão de Ética e Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pelo número de processo 23083.003028/2016-05.

Quanto ao procedimento geral, inicialmente foi formada a equipe de pesquisa, constituída de um professor-coordenador e discentes de graduação e de pós-graduação em psicologia da UFRRJ. A seguir houve, com esta equipe, a discussão do então projeto de pesquisa.

Na sequência, a equipe de pesquisa foi submetida a um trabalho preparatório teórico-prático, a fim de que seus integrantes pudessem fazer *a posteriori* as devidas intervenções clínico-grupais. Após o trabalho teórico-vivencial com a equipe de pesquisa, foram observados os temas principais que surgiram durante os encontros. As temáticas foram transformadas em categorias de análise, baseando-se no método de análise de conteúdo. Em seguida, foram aprofundados os estudos teóricos sobre as técnicas não verbais, a autogestão e suas implicações nas obras de Reich, Pagès e Lapassade, além da rediscussão do tipo e do método de pesquisa empregados. Com isto, esperávamos fazer uma cartografia (Guattari e Rolnik, 2011) do desenvolvimento grupal: compreender o processo terapêutico da equipe de pesquisa desde o seu início, passando pelo seu desenvolvimento e término, levando em consideração a ampliação da autonomia dos integrantes e a do próprio grupo.

Em continuação, os integrantes psicólogos da equipe de pesquisa coordenaram seus próprios grupos, sob a supervisão do coordenador da pesquisa. Os participantes da pesquisa formaram dois

grupos de trabalhadores, no sentido de que estes vivem do seu próprio trabalho. Todos eram originários das classes populares e média.

Nos grupos clínicos, os psicólogos empregaram técnicas verbais e não verbais, foram facilitadores do processo de autorregulação pessoal e autogestão grupal e da mesma forma que havia ocorrido com eles durante o treinamento teórico-vivencial, observaram os temas comuns a cada encontro clínico/social, os transformando em categorias de análise, o que permitiu a análise do desenvolvimento grupal.

Finalmente, foi realizada, com a equipe de pesquisa, uma avaliação com relação aos resultados do emprego das técnicas não verbais e ao grau de autonomia adquirido pelos grupos clínicos, nos níveis individual e grupal, bem como elaborado o relatório final da pesquisa e o presente artigo.

A pesquisação, que teve duração de 60 meses, assim pode ser descrita, em linhas gerais:

Primeira Fase – Com a Equipe de Pesquisa

1º ao 3º Mês – Discussão sobre o Projeto de Pesquisa com a Equipe de Pesquisa;

4º ao 40º Mês – Trabalho teórico-prático didático preparatório da Equipe de Pesquisa, para que seus integrantes viessem a se tornar coordenadores de futuros grupos clínicos.

41º ao 43º Mês – Rediscussão da Revisão de Literatura, Análise de Conteúdo e Análise Final do desenvolvimento do trabalho teórico-prático.

Segunda Fase – Psicólogos com os seus Grupos Clínicos

44º Mês – Formação de 2 Grupos Clínicos (um em Campo Grande e o outro em Laranjeiras, bairros, respectivamente, das zonas oeste e sul da cidade do Rio de Janeiro), apresentação geral dos integrantes da Equipe de Pesquisa e das diretrizes que norteariam o trabalho com os grupos.

45º ao 56º Mês – Psicoterapia Grupal (o início e o término do processo grupal de cada grupo ocorreram em tempos diferentes), sob a supervisão do coordenador da pesquisa.

57º e 58º Meses – Análise de Conteúdo (Formulação das Categorias de Análise, a partir dos temas que emergiram em cada encontro grupal) e avaliação com os grupos clínicos.

Terceira Fase – Retorno à Equipe de Pesquisa

59º e 60º Mês – Avaliação Geral, elaboração do Relatório Final da Pesquisa e do presente Artigo.

2 DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Vejamos, então, alguns princípios das teorias de Reich, Pagès e Lapassade que reforçam a importância das técnicas não verbais.

2.1 REICH E O COMPLEXO PSICOBIOENERGETICOSSOCIAL

Sob uma óptica atualizada reichiana (Câmara, 2009) o organismo (mente e corpo unificados) está enraizado em um núcleo de correntes energéticas e é atravessado por forças sócio-históricas. Ainda que o consideremos constituído por marcas contínuas, a partir destas, o organismo possui intrinsecamente uma potência de reconfiguração. É menos um corpo organizado e mais um corpo-em-organização/desorganização constantes. É um entrecruzamento de forças, que constitui um *complexo psicobioenergeticossocial*.

A restauração da pulsação vital (contração-expansão), por meio de técnicas verbais e não-verbais, articulada à busca do desejo (de viver, amar) constitui a pulsação desejosa ou o desejo pulsátil. Isto é colocar o desejo na pulsação e a pulsação no desejo. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que se pode desejar a morte, o não-pulsar, mas, diferentemente de Freud, só como consequência da impossibilidade de amar, ou seja, o desejo de morte é sempre secundário e nunca primário. Deste modo, a partir da imobilização da pulsação vital, - encorajamento para Reich (2016) -, derivada das forças sociais repressoras do movimento *natural* do organismo, o sujeito passa a desejar a auto aniquilação como forma de aliviar seu sofrimento psíquico. A psicoterapia pode, portanto, contribuir para a consciência de si e das relações sociais ao instrumentalizar os sujeitos – integrando pensamento, afeto e ação – para lidarem com as dificuldades que vão se apresentando ao longo da vida, bem como colocando em análise as relações sócio-históricas que atravessam indivíduos e grupos.

Parte-se do pressuposto de que a vida é movida por forças biopsíquicas, sociopolíticas e que, ancorada em uma força energética intrínseca, tem a potência para se desdobrar. A vida é uma força criadora que produz frequentemente a *diferença*. Portanto, só há fluxos constantes. Embora, ilusoriamente, haja cristalizações, lá no seu seio, como nos ensina Bergson (1979), permanece o movente.

O fluxo energético, corrente e pulsátil, quer mais, sempre mais, quer a si próprio elevado à enésima potência. Deseja força e, cada vez mais, força. Assim não existe um estado equilibrado a ser alcançado. A autorregulação individual não deve ser somente sinônimo de homeostase basal, mas sim de desobstrução dos entraves que produzem a impotência favorecendo agenciamentos de um organismo. Ainda que este esteja imerso em uma condição sócio-histórica precária, pode encontrar os caminhos da potência.

Referenciados em Nietzsche (1998), compreendemos potência como possibilidades de superação de formas instituídas e criação de modos singulares de existir em comunhão com as forças de transformação da própria natureza. O conceito de fluxo não se restringe à esfera energética. Ele é igualmente representativo de signos e códigos. Há, na verdade, uma diversidade de fluxos. Espera-se

fazê-los escorrer, fugindo aos territórios, criar espaços para a expressão de singularidades, de novos *devires* e intensidades, que requerem uma relativa autonomia pessoal e social.

A intervenção clínico/social grupal aqui pretendida deve promover ainda: o combate ao autoritarismo através da democratização dos mecanismos de saber/poder; a indagação política permanente visando contribuir para a construção cotidiana de uma sociedade de trabalhadores ou democracia do trabalho, pautada na autogestão social; a substituição gradual da submissão dos grupos ao Estado e seus representantes e ao poder econômico por grupos-sujeito ou agenciamentos coletivos de enunciação, considerando as contribuições de Guattari (1987).

A abordagem clínica, no nível verbal, se inicia com a análise das resistências grupais, seguida da interpretação dos desejos inconscientes coletivos ocorridos na transferência. O terapeuta deve promover o questionamento sobre os mecanismos de saber/poder, a análise de sua implicação com o grupo, bem como a assinalação das contradições dos analisadores históricos, que podem esclarecer mais a respeito da imagem real do grupo e estabelecer a sua vinculação com o *socius*. Não são menos importantes, a verificação do índice de transversalidade (força instituinte), no sentido da avaliação da potência transformadora no e do grupo e o apontamento da alienação grupal (fragmentação do pensar-sentir-agir).

As técnicas corporais são baseadas em três pilares: respiração, *actings* (movimentos expressivos) e intervenção manual sobre as couraças musculares (contração ou expansão crônicas). O trabalho somático está articulado à elaboração verbal dos conteúdos que emergem ao longo da terapêutica corporal, integrando, assim, psique e soma. Além disso, podem-se empregar recursos técnicos de abordagens neo e pós-reichianas aliados a outros *approaches* teóricos grupais consonantes.

Há duas direções básicas no trabalho, que se alternam em função da dinâmica terapêutica. Uma refere-se à sequência da ordem segmentária das couraças musculares (dos segmentos corporais superiores aos inferiores). A outra concerne aos três tempos de cada sessão: o emergente, o trabalho corporal correspondente e a respectiva elaboração psíquica verbal.

O processo grupal obedece a três níveis relacionais: de cada membro para o terapeuta e vice-versa (terapia *no* grupo); do grupo-como-um-todo para o terapeuta e vice-versa (terapia *de* grupo); entre os membros do grupo, inclusive o terapeuta (terapia *em* grupo). Nos dois primeiros há o privilégio do terapeuta como analista, no último o próprio grupo exerce, primordialmente, a autoanálise e o terapeuta constituem-se, basicamente, como membro do grupo. Embora os três níveis ocorram ao longo das sessões terapêuticas, circunstancialmente, um deles pode prevalecer. Espera-se também que, com o processo terapêutico, o grupo vá se disponibilizando cada vez mais para a terapia

em grupo. Sob um ponto de vista mais amplo, o grupo faz a trajetória de grupo sujeitado ao grupo enquanto dispositivo, ou seja, disparador de transformações pessoais, sócio-históricas e políticas.

A consubstanciar estas sugestões para uma terapia corporal grupal estão a obra de Reich e seus desdobramentos, a análise institucional, os respectivos fundamentos filosóficos, as abordagens clínicas grupais e a psicologia social comunitária. Em que pese o suporte de outros saberes, a práxis corporal coletiva requer método e princípios próprios. Os grupos não são só terapêuticos no sentido estrito, mas sim de reflexão e ação modificadoras; na verdade, são coletivos transgressores dos processos de serialização e massificação de modos de existir e de pautas de conduta. Portanto, transformam o indivíduo em sujeito, priorizando-o enquanto expressão coletiva que luta também por uma sociedade justa e solidária.

2.2 PAGÈS E O PROJETO AUTOGESTIONÁRIO NOS GRUPOS

Max Pagès se interessava de uma maneira especial pela vida afetiva dos grupos (Gaulejac, 2018). Além disso, de todos os psicanalistas que trabalham com grupos, Max Pagès (1974), psicossociólogo, parece ser o que mais se aproxima de Reich com vistas a uma possível proposta de práxis corporal grupal. Para o primeiro, as duas dimensões recuperáveis pelo trabalho de grupo são as técnicas não-verbais e o aspecto político-econômico-cultural (sócio-histórico). Os grupos não são isolados do macrossocial. Eles refletem e são produtores do *socius*.

Os grupos apresentam, de um lado, uma organização coletiva pautada nos sistemas de defesa: estruturas afetivas vinculadas a estruturas sociais; de outro, há ali o desejo reprimido e recalcado, que pode se tornar consciente. Este é o ovo da serpente. De lá irá sair algo que ninguém espera: um modo de existir transformador, fundamentado na força do inconsciente reorganizador da vida grupal e coletiva. Esta é a hipótese central de Pagès: há um projeto autogestionário inconsciente em todos os grupos. Ele objetiva priorizar o desejo, entendendo-o de forma não dicotômica. Isto é, a pulsão desejante individual e sua possível realização só pode ocorrer caso exista um movimento grupal pulsante desejante. O individual só pode se realizar a partir do coletivo. Por outro lado, a partir de uma leitura familiar (restrita à estrutura familiar) o grupo tenderia a ser defensivo e conservador, enquanto a investigação sobre a “natureza” coletiva e social do desejo tende a ser modificadora. Logo, os grupos podem se expressar tanto como sistemas de defesa, como de transformação.

O trabalho com o corpo serve como via direta às pulsões reprimidas (desejo), entretanto, o mesmo corpo pode bloquear este acesso a fim de se “proteger” contra mudanças. Assim há que se ter cuidado com esta duplicidade de funções. Em relação à primeira, muitas vezes quando a fala está aprisionada, o resgate do não verbal se faz necessário como forma de desbloqueio e expressão do

inconsciente social através do grupo. Abrem-se as portas para o sonho transformador, o projeto social que se oculta, que não é nunca somente individual, senão grupal.

Max Pagès é menos reticente quanto aos grupos de sensibilização e de desenvolvimento pessoal do que os socioanalistas Lourau e Lapassade e os esquizoanalistas Deleuze e Guattari. De acordo com o autor, o estudo do projeto social não deveria restringir-se ao grupo psicanalítico. A luta pela libertação do desejo inconsciente, que visa um projeto sociopolítico, deve ser buscada em todas as frentes, sob pena dos mecanismos autoritários se apropriarem do desejo e o colocarem a seu favor. “Os fascistas, conforme Reich percebeu perfeitamente, foram dos primeiros a utilizar eficazmente o inconsciente, embora evidentemente no sentido da repressão e do recalque” (Pagès, 1974, p.94).

Pagès, igualmente, amplia os gradientes da conceituação “não verbal”: dança, música, pintura, desenho, expressão corporal, utilização de máscara etc. A respeito destas técnicas, “convém também orientar a sua utilização não no sentido do indivíduo isolado, como tendem a fazê-lo os californianos, mas no sentido da liberação do potencial energético e expressivo do grupo inteiro” (Pagès, 1974, p.94).

Na sequência deste raciocínio, Pagès apresenta um crivo crítico que é essencial aos psicoterapeutas e mais particularmente aos reichianos, neorreichianos (Lowen, Boyesen, Boadella e Kelman) e pós-reichianos (Navarro e outros) no que concerne ao perigo da mecanização e individualização no trabalho de grupo:

(...) os exercícios praticados na expressão corporal (...) são na minha opinião mais prejudicial que úteis, pois reprimem a espontaneidade, que é preciso desenvolver, e freqüentemente isolam os indivíduos uns dos outros. De minha parte, prefiro prestar atenção aos movimentos e ações espontâneas dentro do grupo, freqüentemente muito contidas no início, responder a elas também de maneira espontânea, implicando-me nelas, procurando seus ecos, suas conexões, suas rupturas de ritmo, passando de uma linguagem a outra, ajudando o grupo a produzir sua cacofonia e sua sinfonia (Pagès, 1974, p.94).

Segundo Pagès, o imaginário que os componentes possuem a respeito do grupo percorre imagos parentais, como aquele que nutre e devora (mãe), protege e castra (pai). Contudo, o grupo também reproduz em seu interior não só a família, mas o Estado, a Escola, a Empresa, as Forças Armadas, a Igreja, suas normas, ideais e suas relações sociais hierarquizadas. Estas imagens aliadas ao *status quo* do grupo compõem uma estrutura socioafetiva que se coloca contrária à transformação e que os sonhos e os fantasmas do grupo vêm abalar.

De acordo com Pagès (1974), quando o grupo se arrisca a viver, também trava contato com a morte, com a angústia de morte e não com a pulsão de morte. De forma semelhante a Reich, esclarece o autor:

É por isto que o conceito de pulsão de morte me parece inadequado, pois os desejos-medos de morte não são originários, ainda que sejam os primeiros a aparecer cronologicamente no nível manifesto, mas constituem na verdade uma formação defensiva muito primitiva contra uma angústia de morte inconsciente, indissolivelmente ligada ao desejo (Pagès, 1974, p.97).

O enfrentamento da vida e, consequentemente, da angústia de morte, é a saída do casulo, é o reconhecimento do outro, da diferença, da singularidade. “A consciência do desejo é simultaneamente a consciência de sua negação e de seu limite, que é o desejo do outro” (Pagès, 1974, p.98). Aqui nasce a possibilidade da conjunção de diversidades, da produção coletiva, de fazer valer o projeto social inconsciente do grupo: autogestionário e relacional, onde todos elaboram a angústia de morte juntos.

O processo que leva à reorganização social e ao reconhecimento do outro passa necessariamente pelo terror, paranoia e caos. Diz Pagès:

(...) penso que o progresso das ciências humanas, de uma psico-sócio-política enfim reconciliada e articulada, poderia ser compreendido como visando o desenvolvimento de estratégias combinadas de ordem biológica, psicológica, econômica, política e cultural, tendo em vista a liberação do caos social latente e reprimido, que é uma etapa necessária da reorganização social (Pagès, 1974, pp.101 e 102).

Entretanto esta reorganização social não deve ser compreendida como um estado a ser alcançado. Ela é movimento, é frequente mudança. Deve-se fugir do canto das sereias das organizações que se dizem revolucionárias. Aqui Pagès, assim como Lourau, Lapassade, Deleuze e Guattari comungam o mesmo pensamento: a revolução, como aponta Barembli (1992), é utopia ativa – é feita a todo instante. De maneira semelhante pensa Reich (1988) e sua proposição de sociedade de trabalhadores que buscam a autorregulação e a autogestão social (democracia do trabalho). Mas, se o movimento de esquerda se organizar, pode tornar-se enrijecido, paralisado. Portanto, há que se ter prudência. Desse modo, como alerta Pagès, é necessário ter cuidado com o fetichismo da palavra revolução, concluindo que prefere a expressão *mudança social*.

Pagès – psicossociólogo – se posiciona, às vezes, como crítico dos movimentos políticos de extrema esquerda e suas técnicas:

(...) eles subestimam com frequência o psicobiológico, eliminado como reacionário, excluem tanto o inconsciente sexual político quanto os sistemas de defesas, se dirigem ao consciente e ao pré-consciente, e pretendem guiar o proletariado como um rebanho, em nome de suas ideias (Pagès, 1974, p.106).

O resgate feito aqui pelo autor, do psicobiológico, do inconsciente sexual político, da integração libidinal e sócio-política bem mereceria uma referência a Reich (2016), que retratou de forma feliz a não fragmentação destas dimensões. Denuncia Pagès:

É evidente (...) que esta tarefa implica uma colaboração, em vez da querela habitual, entre bioenergéticos, analistas institucionais, psicossociólogos, antipsiquiatras, esquitoanalistas, sociólogos, economistas, etnólogos... (Pagès, 1974, p.107).

De acordo com Pagès, o grupo, em processo de mudança intra e/ou extra-grupal, não cinde a análise da ação, mas analisa junto com o coordenador e age da mesma forma. A mudança vai exigir o enfrentamento da segurança. Há um interjogo entre transformação e segurança, onde o estabelecimento de limites é a chave da eficácia do trabalho grupal.

Mudar significa também enfrentar conflitos. Transformar, igualmente, é conectar mudanças dos pequenos grupos ao social mais amplo, resultando em intervenções sociais que não fragmentem dimensões que estão imbricadas umas sobre as outras. Portanto, a clínica psicológica sozinha não é suficiente para suprir esta exigência psicoterapêutica.

2.3 LAPASSADE E A TRANSFORMAÇÃO SOCIPOLÍTICA

Um dos fundadores da corrente socioanalítica é Georges Lapassade (1975). Sua contribuição para a produção de noções caras à Análise Institucional é de reconhecido valor (Rossi e Passos, 2014). Lapassade aponta que o movimento institucionalista iniciou-se com a psicoterapia institucional e que a grande descoberta desta fase foi o *inconsciente institucional*. A psicoterapia institucional desencadeou o surgimento da pedagogia institucional que colocava adultos e crianças em situações absolutamente novas e exigia de cada um novas posturas. Os grupos de desenvolvimento interpessoal como técnica de psicoterapia institucional e da pedagogia institucional tornaram-se autogestivos e, assim, foi ganhando importância a autorregulação grupal. Notaram-se mudanças de hábitos e posturas, mas não transformações estruturais.

A seguir, a antipsiquiatria não só realçou o problema da doença mental como produto social, como politizou a psiquiatria e a psicanálise. Lapassade (1975), resgatando o valor dos movimentos antipedagogia e antiescola e fundamentando-se em uma perspectiva marxista não ortodoxa, baseou-se em Baudelot e Establet, para demonstrar como a organização escolar reproduz e produz as relações sociais mesmo em uma sociedade que tenha destruído as “bases materiais” da divisão em classes sociais. Assim, a busca da autogestão estava baseada na crença de que a escola guardava alguma autonomia em relação ao Estado. É no espaço desta autonomia que a análise institucional, segundo Lapassade, deve denunciar a ideologia da repressão.

Neste sentido, se:

(...) a cisão entre normal e patológico funda a repressão psiquiátrica e legitima a existência de instituições hospitalares de isolamento; a separação criança-adulto, da mesma forma, legitima o isolamento escolar e a repressão da infância, da fala, de sua sexualidade.¹

O movimento institucionalista, em um primeiro momento (psicoterapia e pedagogia institucionais), queria transformar apenas os métodos, depois, com a antipsiquiatria, a antipedagogia e a antiescola, passa a questionar as estruturas organizacionais e sociais mais amplas, e é isto o que faz Lapassade (1989).

Para ele, a análise institucional é uma forma de refletir e intervir em grupos e organizações, que através de uma crítica às instituições objetiva transformá-las. Igualmente a Lourau, Lapassade comprehende esta abordagem eminentemente como sociopolítica calcada no marxismo e na psicanálise com inúmeras articulações (psicologia, sociologia, pedagogia etc.). Desta maneira, também se coloca diferentemente do enfoque clínico de Bleger e sua psicologia institucional.

De acordo com Lapassade (1989) a análise institucional, que visa a autogestão, pode atuar em três níveis: 1º) grupo – escritório, classe escolar, família – mantenedor da ordem, do aprendizado, da produção; 2º) organização-estabelecimento – é a ligação entre a sociedade civil e o Estado, a burocracia localiza-se aqui (normas e a hierarquia mais imediatas da organização); 3º) instituição – é o conjunto do que está instituído – é não-localizável (como o inconsciente de Freud), são as formas universalizantes de relações sociais, por exemplo, a “loucura” no hospital psiquiátrico, a “aprendizagem” na escola, e o “Estado”, instituição primeira, lei e repressão, que atravessa todos os níveis.

Segundo Lapassade, o Estado, através da ideologia e da burocracia exerce o poder de manutenção das instituições e por isto sugere como objetivo último a destruição da sujeição ao Estado através de ações e de novas formas de relações sociais que possibilitem a reflexão e a ação coletivas (sistemas autogestivos como as assembleias). Em um plano mais imediato a análise institucional objetiva a ruptura da burocracia, a explicitação do implícito, ou seja, da dimensão institucional oculta (Estado) nas ações cotidianas.

Se até aqui Lapassade tem proposições semelhantes às de Lourau (o conceito de instituição, a análise do inconsciente social, a referência teórica ao marxismo não ortodoxo e à psicanálise, a noção de desprofissionalização e o exercício da autogestão), a partir de um determinado ponto ele inventa uma vereda absolutamente singular como forma de intervenção: o *Encontro Institucional*. Os grupos operativos e as assembleias tornam-se grupos de encontro institucional. Nestes últimos, Lapassade

¹ Lapassade, 1975, p.37. “la séparation du ‘normal’ et du ‘pathologique’ fonde la répression psychiatrique et légitime l’existence des institutions hospitalières d’enfermement; la séparation enfant-adulte, de même, légitime l’enfermement scolaire et la répression de l’enfance, de la parole, de sa sexualité”.

(1983) retoma as técnicas corporais de Wilhelm Reich e Alexander Lowen, outras da Psicologia do Potencial Humano (Carl Rogers e Frederick Perls) e propõe o caminho da palavra à ação, da reflexão ao ato e autogestão.

Georges Lapassade (1977) estabelece uma proposição de intervenção institucionalista, cujo objetivo é a subversão do instituído. Para isto, este autor sugere trabalhos breves (de três dias a três meses) a partir dos quais a organização-cliente possa apropriar-se da análise e passar a praticá-la.

Os encontros institucionais que têm formato de assembleias, maratonas ou *workshops* de final de semana se utilizam de técnicas corporais e da psicologia existencial-humanista rompendo em formato, neste caso, com as clínicas tradicionais. Lapassade conceitua deste modo este encontro:

Chamo de encontro institucional a uma intervenção de curta duração em que o ‘cliente’ é uma organização social conduzida a partir das hipóteses e conceitos institucionalistas, sobre uma base de autogestão e que aponta, por meio de certa quantidade de técnicas, a colocar, no nível manifesto, a instituição em uma situação de reprodução analítica.²

O trabalho corporal e energético recuperado no movimento institucionalista por Lapassade é fundamental porque, com ele, o autor não nega a importância da análise e leva às últimas consequências a expressão grupal recolocando-a como um possível analisador do grupo/organização, como ele mesmo diz:

“(...) ‘gritar não’ é levar até as suas últimas consequências um dos temas essenciais e, provavelmente, o mais importante da análise institucional hoje. Enuncia-se assim: são os analisadores quem fazem a análise”.³

Igualmente, quando Lapassade acrescenta as técnicas da escola de psicologia do potencial humano (Abordagem Centrada na Pessoa – ACP e Gestaltista) à sua forma de intervenção, ele traz mais luz à compreensão da dimensão oculta, ou seja, ao inconsciente social. Lembrar-se-ia aqui de Deleuze e sua forma de piratear os conceitos de outras áreas do conhecimento e adequá-los ao que precisava. Apesar de este ato ser combatido por seus críticos – diziam que esta ação era despreocupada com as respectivas implicações teóricas – não deixava de marcar a sua inventividade e criatividade, permitindo-lhe trafegar pela arte, ciência, filosofia e literatura. Conclui Lapassade:

² Lapassade, G. 1977, p.218. “Llamo encuentro institucional a una intervención de corta duración en la que el ‘plenario cliente’ es una organización social conducida a partir de las hipótesis y conceptos institucionalistas, sobre una base de autogestión y que apunta, por medio de cierta cantidad de técnicas, a poner de manifiesto a la institución en una situación de reproducción analítica”.

³ Idem, p. 231. “(...) ‘gritar no’ es llevar hasta sus últimas consecuencias uno de los temas esenciales y, probablemente, el más importante del análisis institucional hoy. Se enuncia así: son los analizadores quienes hacen el análisis”.

O problema, então, é construir novas técnicas a partir de um campo bastante amplo definido pelas práticas de psicoterapia (psicoterapia institucional, antipsiquiatria, mas também análise bioenergética, grupos de encontro), de formação e intervenção, sem esquecer as técnicas psicanalíticas. Mas esta construção deveria dar lugar então, não a uma colagem de técnicas e de conceitos tomados emprestado aqui e ali senão, desta vez, a um corpo teórico-prático realmente específico.⁴

O autor em questão rompe com o privilégio da análise duradoura e propõe alianças da análise com a vivência da intensidade das sensações e da expressão. A reflexão e abertura aos sentidos têm que caminhar juntos, pois a reflexão sem sensação torna-se improdutiva e a sensação sem reflexão torna-se míope. Sendo assim, Lapassade recupera o valor, entre outros autores, de Reich (2004) e sua proposição de que é no corpo que a repressão social se aloja, pois cada couraça muscular contém não só a história pessoal como a história social daquela cultura onde o indivíduo está inserido.

Acrescentar-se-ia que além da ACP, da Gestalt-terapia e da Escola Corporalista de Psicologia, talvez as técnicas de Psicodrama fossem úteis. Alguns autores da corrente brasileira da Análise Institucional como Heliana Conde e Regina Benevides (Rodrigues, Leitão e Barros, 1992) utilizaram também este instrumento intervencionista. E, por último, mas não menos importante, cabe o comentário de que o resgate feito por Lapassade da dimensão energética, a recoloca junto às outras (mental, corporal e social) quando a intenção for trabalhar com autogestão dos grupos e organizações em uma *revolução permanente*.

3 DOS PROCESSOS CLÍNICOS

Foram constituídos três grupos ao longo da pesquisa. O *Grupo-Equipe*, cujo processo se desenvolveu nas dependências do então Serviço de Psicologia Aplicada – SPA – da UFRRJ, um grupo no bairro de Campo Grande, denominado a partir de agora de *GCG* e outro grupo no bairro de Laranjeiras, nomeado doravante de *GL*, os dois últimos na cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente, o processo de capacitação do *Grupo-Equipe*, que teve a duração de dois anos. Em seguida foram desenvolvidos os trabalhos com os outros dois grupos – o *GCG* e o *GL*, por cerca de nove meses cada um, sendo uma parte deste período de forma concomitante.

Depois de explicado em linhas gerais o projeto de pesquisa a cada grupo e designá-lo como um trabalho em Saúde Mental, foi estabelecido um contrato com cada grupo, cujas regras foram: ninguém deve julgar ninguém (culpabilizar, inocentar), não emitir juízo de valor (“Isto é bom ou mau;

⁴ Idem, p. 239. “El problema, entonces, es construir nuevas técnicas a partir de un campo bastante amplio definido por las prácticas de psicoterapia (psicoterapia institucional, antipsiquiatría, pero también análisis bioenergético, grupo de encuentro) de formación y de intervención, sin olvidar las técnicas psicoanalíticas. Pero esta construcción debería dar lugar entonces, no ya a collages de técnicas y conceptos tomados en préstamo aquí y allí sino, esta vez, a un cuerpo teórico-práctico realmente específico.”

é um bem ou é um mal”) nem dar direcionamentos, ou seja, não dizer o que o outro ou o grupo deve ou não fazer. Todos precisam se comprometer com o sigilo do que ocorre nos encontros. Devem evitar o esvaziamento do conteúdo do grupo, não tratando fora do mesmo os assuntos que surgirem no grupo. Os encontros eram quinzenais e tinham em média 1 hora e 30 minutos.

A seguir, foi desenvolvida a *Análise dos Conteúdos* constituintes de cada grupo, ou seja, iniciamos nomeando os *Temas* que emergiram nos encontros de cada grupo e, na sequência, foi realizada a elaboração das *Categorias de Análise* que nos permitiu analisar os respectivos desenvolvimentos grupais.

3.1 GRUPO-EQUIPE

O Grupo-Equipe foi formado, inicialmente, por 12 alunos de graduação e pós-graduação do curso de psicologia da UFRRJ, com encontros quinzenais de uma hora e meia e coordenado pelo primeiro autor do presente artigo, ao longo de dois anos, de agosto de 2017 a setembro de 2019. Além do coordenador, um dos membros era encarregado de anotar o que se passava na sessão e depois elaborava um relatório sobre a mesma. Em cada encontro havia um revezamento dessa função. Em virtude dos nossos estudos teóricos, ao nível individual, o objetivo básico foi fazer com que cada participante pudesse, ao mesmo tempo, ampliar a consciência sobre si, suas relações no grupo e externas a ele, aumentasse o grau de autorregulação e se capacitasse a coordenar futuros grupos. No nível grupal, esperava-se que, ao invés de tão somente uma reunião de pessoas, o grupo fosse ganhando um sentido de *grupo como um todo* e caminhasse na direção da autogestão.

Para a análise do desenvolvimento do grupo nos ancoramos no *Método de Análise de Conteúdo* (Ludke e André, 1986; Mendes e Miskulin, 2017). Assim, no decorrer do processo terapêutico, levantamos uma sequência de *Expressões*, frases, posturas, gestos etc., tanto dos membros do grupo como do grupo como um todo, que reunidos resultaram em *Temas*. Estes, por sua vez, foram agrupados em *Categorias de Análise* que nos permitiu uma melhor compreensão de todo o processo grupal. Deixemos claro, desde já, que as *Categorias de Análise* não são estanques, elas se interconectam. Assim, observamos três conjuntos constituídos de expressões, temas e categorias de análise. São eles:

- 1) Destacamos, em um primeiro período do percurso do grupo, expressões desde uma breve apresentação de si e a exposição de suas motivações para integrar esse grupo até indagações como – “Quem sou eu?”, “Quem somos nós, enquanto grupo?”, Pergunta o coordenador “O que move vocês na vida?”, respondem nomeando vários tipos de sentimentos e emoções, entre eles “Insegurança, ansiedade com o tempo, medo do fracasso, raiva, mágoa, entre outros”, ao que o coordenador sugere um trabalho psicorporal – em duplas um dos integrantes coloca uma

das mãos sobre o peito do outro, somente acompanhando a respiração e em seguida os membros se revezam. A seguir, como sempre após os trabalhos corporais, houve a elaboração do vivido, do sentido durante a atividade corporal, por meio da verbalização. Em outro momento na caminhada do grupo, apontamentos de reconhecimento sobre o outro vieram à tona “Você quase não fala de você”; “Pode deixar que ela dá conta disso”; “Ela sumiu e não disse nada para nós”; “Ela é a memória do grupo”; “Eu era assim, mas agora mudei”; “Pode deixar que eu coloco o resumo da sessão no *drive* do computador”; estas enunciações compunham o *rosto* de cada um e do grupo; mais ativo ou passivo, rigidez, atitudes desafiadoras, colaboradoras; pensamentos, afetos e atos defensivos; tentativas de fornecer algum grau de contorno a si, ao outro e ao grupo; a ampliação da consciência; a identidade sempre em construção; os contornos dinâmicos de cada um e do grupo. Em acréscimo, ao mesmo tempo em que expectativas positivas de quebra dos padrões eram enunciadas pelos integrantes, manifestava-se, de tempos em tempos, a resistência, por exemplo, chegar atrasados ou faltarem. Em outro ensejo foi percebido pelo grupo que brincadeiras eram, eventualmente, realizadas como defesas e que tratar dos assuntos de sexualidade e agressividade não era tão fácil, pois ocasionalmente, criava resistências. A fim de manejar as defesas o trabalho não verbal era fundamental, pois facilitava a conscientização de atitudes inconscientes, produzia *insights*. Ao longo do processo grupal o nível de *contato* (aqui no sentido reichiano de profunda percepção de si, ao mesmo tempo, do outro, do que sentimos quando estamos com o outro e do campo energético) foi consideravelmente aumentado. A partir desta reunião de expressões detectamos os *Temas*: Defesas, Caráter (no sentido reichiano do termo), Identidade, Consciência, *Contato*. Aglutinamos estes temas na *Categoría de Análise - Modos de Existir*.

- 2) Marcamos frases, gestos, posturas que diziam respeito à forma de relação com os demais membros do grupo e com o *mundo*, por exemplo: no terço inicial do processo do grupo, a relação com a comida, na sequência com a mãe e depois com as pessoas, em geral, foi mencionada por vários participantes. Isto desencadeou questionamentos sobre o vínculo de dependência e como cada um lidava com isso. Escutamos desde “Como até ficar empanzinada”, “Me apego muito”; “Faço vínculos obsessivos”, até “No início, tenho um pé atrás, depois me solto”. Para trabalhar a questão do vínculo, o coordenador solicitou que todos se deitassem em seus colchonetes com o ventre para cima, com as cabeças voltadas para o centro da roda, os braços estendidos na direção dos seus vizinhos e as mãos se tocando. Já no terço final do desenvolvimento do grupo, as relações familiares, particularmente, os tópicos

paternidade e maternidade não foram encarados de modo fácil. Quanto às transferências, por vezes, ela era evidente: “Você sabe que para alguns de nós, você [o coordenador] é um pai”. Diante de algo inesperado que ocorria na vida ou mesmo fora do prédio do SPA, no qual fazíamos os encontros da pesquisa, o coordenador desvelava os ecos disso no grupo, assim fazendo ele marcava que um grupo não é nunca isolado das forças do contexto social que o atravessa. “Percebi que você [o coordenador] ligou o que estamos vivendo aqui com isto que está ocorrendo lá fora [as eleições] [um barulho alto que ocorreu fora, mas próximo ao prédio do SPA]”; As ausências eram assimiladas ora de forma tranquila, ora com desconforto “É uma pena ele não ter continuado no grupo”; “Fui morar no [falou o nome de um país], mas é muito bom estar de volta aqui [no grupo]”, ao que outro integrante emitiu “Sentimos sua falta”; mas com relação à outra integrante, há o desabafo “Ela simplesmente sumiu, não disse nada para a gente e ninguém sabe dela”. Embora permanecessem diferenças – pois alguns participantes sentiam-se mais à vontade para falar de si, outros eram mais reservados com relação a compartilhar suas questões com os demais, mas, de um modo geral, atitudes colaborativas eram notórias e prevalentes, assim como a relação cuidadosa que os participantes tinham uns com os outros. A capacidade de resolução de conflitos foi aumentada e era executada de uma maneira mais tranquila. Ao final do processo grupal, compromisso e entrega foram marcas da qualidade de vínculo desse grupo. Desse modo, emergiram os *Temas*: qualidade e intensidade dos vínculos, transferência, envolvimento, profundidade e entrega nas relações grupais. Reunimos estas temáticas na *Categoria de Análise – Relações Interpessoais e Sociais*.

- 3) Ressaltamos declarações, asserções e condutas de reconhecimento no desenvolvimento de cada um e do grupo, assim manifestadas: “Penso na relação de dependência, na criança em nós e nas expectativas sobre nós”; ao que um dos membros do grupo chamou à atenção para a questão da emancipação. Alguns concordaram em afirmar o quanto era difícil conquistar mais independência. Com relação ao percurso de cada um durante a capacitação para atender futuramente grupos “Ainda não sei o quê, como ou quando dizer algo para um paciente”; “Ainda fico angustiada quando penso que um dia coordenarei um grupo”; “Agora, o grupo deu uma esvaziada”; “Às vezes, é difícil estar aqui, mas terapia, às vezes, também não é fácil”; “já sei utilizar algumas das técnicas corporais que aprendi aqui [no grupo]”; “Todos estamos mais amadurecidos”; “Você parecia uma menina, agora está mais mulher”, ao que a outra reagiu “Nós estamos mais mulheres e homens”; “É visível como esse grupo cresceu depois de todo esse tempo”. Não raras vezes, o coordenador solicitava ao próprio grupo que pesquisasse e trouxesse técnicas para trabalhar questões que surgissem no grupo. Com isto, favorecia a

autonomia do grupo. Isto ocorreu, por exemplo, com o trabalho de *Grounding* da Bioenergética que levou a uma maior reflexão sobre a autossustentação dos membros do grupo. Alguns dos membros, por iniciativa própria, criaram um subgrupo para continuarem a estudar durante as férias da universidade. Fica evidente aqui a força de autogestão de parte do grupo. Algum sentido de grupo nos dois terços finais do processo grupal pode ser traduzidos nos gestos, nos cuidados expressos “Vamos lá gente, temos que varrer esse chão antes de começarmos as práticas” e todos pegavam vassouras e panos e limpavam a sala ou quando se autoapoiavam em bloco. Neste sentido, podemos caracterizar o sentido do grupo como um “Grupo Colaborativo, Solidário”. Dessa forma, pudemos designar os seguintes *Temas*: Da Dependência à Autorregulação Pessoal (menos no sentido do equilíbrio psicorporal e mais no sentido de alcançar maiores autoconsciência, autoapropriação psicorporal, autoexpressão) e à Autogestão Grupal – ao longo do desenvolvimento do grupo, percebemos que, muitas vezes, o grupo tomava para si o manejo das situações emergentes, bem como as direções a serem seguidas, ou seja, a gestão do próprio grupo. Consolidamos estes temas na *Categoria de Análise - Processos de Autonomização*.

Na sequência, a Equipe de Pesquisa foi dividida em dois subgrupos. Cada um desses subgrupos foi trabalhar com um dos grupos que foram também objetos da pesquisa. Um deles ficava no bairro de Campo Grande e o outro no bairro de Laranjeiras. Em cada um dos grupos pesquisados havia o revezamento dos membros da Equipe de Pesquisa quanto às funções de terapeuta, coterapeuta e relator da sessão.

3.2 GRUPO CAMPO GRANDE – GCG

Esse grupo foi constituído por até nove integrantes, com encontros quinzenais de uma hora e meia. O processo terapêutico ocorreu entre os meses de março e novembro de 2023. Aqui os membros da Equipe de Pesquisa se revezavam ocupando, basicamente, três funções, mencionadas anteriormente. O mesmo método de análise do desenvolvimento do Grupo-Equipe foi aplicado na análise do GCG. Da mesma forma, verificamos os mesmos três blocos constituídos de expressões, temas e categorias de análise. A saber:

- 1) Diferentemente do Grupo-Equipe, o GCG inicia seu processo debruçando-se sobre o universo das relações na sociedade. Seguem algumas falas, posturas e gestos: “Família e relações amorosas nem sempre são fáceis”; “Trago marcas de toxicidade e dependência nas minhas relações”; “Tenho dúvidas se quero ou não ter filhos”; “O julgamento da família tem mais peso que o dos outros”; “Todo mundo está chocado com a violência nas escolas” ao que outro reagiu

“O pior é a exploração que a mídia faz disso”. Também percebíamos, eventualmente, algumas posturas de competição entre os integrantes ou atitudes mais defensivas, de desconfiança em relação aos demais. Aqui o trabalho psicorporal tornava-se uma potente ferramenta de trabalho terapêutico porque facilitava a revelação do oculto. Em outro momento, um participante mencionou a necessidade de se criar vínculos e a partir daí a coordenadora daquela sessão propôs um trabalho psicorporal de os integrantes olharem uns para os outros. Depois foi trabalhado como os participantes se sentiram. Este é um exemplo dos diversos trabalhos psicorporais empregados durante o percurso terapêutico. Já no final do processo terapêutico, uma fala que ligou o grupo ao *socius* “Vocês deveriam levar esse trabalho de saúde mental primeiro para trabalhadores, depois para comunidades”. Assim, emergiram os *Temas*: Cuidado, Manipulação, Maternidade, Conexão, Envolvimento, Mudanças Sociais. Agregamos estas temáticas na *Categoria de Análise – Relações Interpessoais e Sociais*.

- 2) De uma maneira inversa ao desenvolvimento do Grupo-Equipe – que iniciaram o processo do grupo pensando sobre si e sobre o próprio grupo, os membros do GCG caminharam nos dois terços restantes do processo terapêutico questionando-se mais sobre si. Foram manifestações de como se sentiam em relação ao amor, tesão, sexualidade, ampliação da consciência de si, do grupo, formas de lidar com a ansiedade, defesas egóicas, agressividade. Em uma determinada oportunidade, a coordenadora sugeriu um trabalho psicorporal – os participantes deveriam fazer uma respiração em quatro tempos, ou seja, inspiram, meia pausa, expiram, pausa e assim sucessivamente. Na sequência, mais confiança e exposição de sentimentos foram notados - “Comecei um relacionamento com um homem casado, nos separamos e agora voltamos a sair juntos. Ele não está mais casado”. Relatos de relaxamento a aumento da conexão com eles próprios e emoções intensas são expressos. “Sinto a tristeza como algo ruim”, fala a participante com lágrimas nos olhos. Outra integrante aborda a questão de ser ansiosa e outro participante emocionado relata a agressividade que circula em sua família. Os coordenadores apontam para os membros do grupo que algumas maneiras de ser são, na verdade, defesas que parecem nos deixar mais seguros, mas que, na verdade, nos aprisionam. Ainda ao final do processo terapêutico, um dos integrantes apontou: “Aprendi a ter menos preconceito com relação às pessoas diferentes de mim”; uma vez mais, vindo de outro integrante “Hoje me tornei uma pessoa mais compreensiva”. Nesta mesma direção, uma participante disse que após muito tempo conseguiu se abrir mais: “Após o nosso último encontro, fui beber em grupo e me relatei com um homem”. Os *Temas* saltam aos olhos:

Consciência de si e do grupo, Defesas, Conexão com afetos, Abertura para o Mundo. Estas temáticas constituem a *Categoria de Análise – Modos de Existir*.

3) No transcurso do grupo, observamos que os integrantes se manifestaram sobre o movimento das pessoas e coisas e a passagem do tempo: “Tudo passa”; isto serviu de contraponto para que uma das participantes tenha se expressado da seguinte forma: “Me sinto estagnada, não vou adiante”; há ainda a percepção por parte dos membros do grupo de que há continuidades e descontinuidades no processo desse grupo; o grupo não é retilíneo, ele oscila – “Pessoas faltam, pessoas entram”; na nossa análise, sobre o processo de ampliação da autonomia, percebemos que os membros do grupo se deram conta do desenvolvimento de cada um no grupo, mas que eles não chegaram a formar um sentido de grupo como um todo, daí a percepção de quebra do grupo; ainda outras falas - “Tenho necessidade de construir algo novo”; “Quero maneiras diferentes das tradicionais, que tenham menos a ver com a minha família e mais comigo mesma, mas as vozes da família são fortes”, a condição da migração da dependência para a independência pessoal estava aqui mencionada, mas também o quanto isto é difícil, custoso, penoso, embora, ao mesmo tempo possa ser gratificante, lutar pelo desejo e pela aumento da força e da autonomia – “Com esse grupo fui me tornando mais forte”. Notamos os *Temas*: Mudança, Respeito à Diferença, Independência, Aumento da Potência. Esse conjunto de temas nos leva à denominação *Categoria de Análise – Processos de Autonomização*.

3.3 GRUPO DE LARANJEIRAS – GL

Esse grupo foi constituído por até seis participantes, com encontros quinzenais de uma hora e meia. Seu percurso foi de agosto de 2023 a abril de 2024. De modo semelhante ao grupo anterior, três funções (terapeuta, coterapeuta e relator) eram revezadas entre os membros da Equipe de Pesquisa. Foi aplicado o mesmo método de análise da evolução do grupo utilizado nos outros dois grupos. Igualmente aos demais grupos, este apresentou expressões, temáticas e categorias de análise que puderam ser agrupadas também nos três enlaces, assim expostos:

1) No que diz respeito às relações entre as pessoas e sua inserção social, assim como o GCG, o GL principia seu caminho manifestando expectativas nas relações de trabalho, acreditando que o grupo seria um espaço que facilitaria as relações interpessoais e nos espaços de trabalho de cada participante. Ouvimos expressões como: “Tenho dificuldade de me adaptar às relações no trabalho atual”; “Acho que aqui [no grupo] vou respirar e também será um espaço de troca”; as relações familiares, de modo semelhante, eram objeto de atenção por parte dos membros do

grupo, por exemplo, “Me sinto num ninho vazio, com a saída dos meus filhos”; o valor dado às relações interpessoais, eventualmente, era expresso “Fico atento às pessoas, gosto de lidar com pessoas”; ou ainda “Tenho medo do julgamento das pessoas”; outro participante expôs que na família dele havia sempre uma história de “abandono”(sic) das crianças, mas, ao mesmo tempo, reconhecia o quanto “a vida era difícil”(sic). Quando isto foi levado para a supervisão, nos perguntamos se esta última fala era uma racionalização ou fruto de uma consciência sócio-política ou ainda das duas. Quanto aos relacionamentos amorosos: “Fui prisioneira de uma relação anos a fio”. O fato de uma integrante da equipe de pesquisa ficar grávida fez surgir discussões sobre relações familiares, mas também relações no trabalho no que se refere à gravidez. Quanto à evolução do desenvolvimento interpessoal, disse uma das participantes “Com a troca de vivências tão diferentes percebi minha evolução”. E ainda de outra integrante: “Atualmente, ando mais na onda do coletivo”. No processo final do grupo, uma das coordenadoras sugere o trabalho psicorporal em que alguns de frente para os outros estendem os braços na direção do outro dizendo “vem” enquanto caminham na direção do outro, mas sem se tocarem, e depois dizem “vai” se afastando do outro. Desse modo, trabalhamos a *morte* do grupo ou a despedida entre seus membros. Destacamos os *Temas*: Relações no Trabalho, Relações na Família, Relações Amorosas, Relações no Grupo, Relações Sociais. Estes temas constituem a *Categoria de Análise - Relações Interpessoais e Sociais*.

- 2) Sobre como se percebem: “Sou muito ansiosa, mas a música me acalma”; uma integrante chegou correndo e disse “Estou esbaforida”. A coordenadora do grupo propõe o trabalho clínico de andar pela sala, sentir os pés no chão, perceber a sala e a si próprios enquanto caminham. Com isto, notam-se manifestações de maior *contato* consigo, com os outros, com o entorno. Outra participante expressa “A vida é uma dança das cadeiras”, ao que a terapeuta interroga metaforicamente “Como é a cadeira na qual hoje vocês sentam?” Evidenciou-se também o momento de uma das integrantes expresso pela seguinte frase: “Tenho feito cursos de autoconhecimento e estar aqui é ir nessa direção”. Quando uma integrante diz que tem dificuldade de acordar, a terapeuta emenda: “Como é para vocês acordar para a vida?” Afirma outro integrante: “Tenho que fazer tudo certinho”. Pareceu à terapeuta que esta atitude o tirava do contato da conexão consigo mesmo e assim sugeriu “Escolham um objeto na vida que tenha ecos em vocês”. Após as escolhas, os integrantes falaram desses ecos em cada um; em outro momento se questionam sobre suas “identidades”, ao que a coterapeuta faz a articulação do individual para o grupal “E a identidade do grupo?” ao que uma das participantes responde “É feminina, só há mulheres”. Vimos depois em supervisão que naquela ocasião não se interrogou

sobre a ausência recente de um dos integrantes que é do sexo masculino, nem da mistura dos termos *mulheres* e *feminina*. Ainda na supervisão, mas em outro instante, observamos que houve uma forte resistência, por parte do único integrante do sexo masculino do grupo, ao retorno do único integrante da equipe de coordenadores deste grupo que também é do sexo masculino. Em outra ocasião, diante de falas sobre sentimentos e emoções, a terapeuta pede para que os membros do grupo localizem nos seus corpos as emoções e os sentimentos, a partir daí houve descargas sucessivas de fortes emoções (choro, raiva etc.), mas também recrudescimento de defesas: “Isto é um saco, é um saco”, disse um dos integrantes. Contudo, era notório a explosão de emoções e a autoconfiança em poder expressar pensamentos e sentimentos, assim como, a percepção de que, por conta disso, ali ficaram diferentes. Uma última fala: “Eu só seguia um padrão, agora não”. Costuramos os *Temas*: Identidade, Defesas, Bloqueios e Expressões Afetivas, Mudanças. Estes resultam na *Categoria de Análise – Modos de Existir*.

3) Em relação aos processos de emancipação, transição de vida, maior independência: “Quero sair do conforto, da segurança e ter mais independência, mas não sei como fazer isto”; outra expressa-se de maneira assertiva “Quero ir para a vida”; outra participante é direta: “Não acho o meu caminho”. Ainda outra participante, já no final do processo grupal diz: “Sinto que consigo me equilibrar mais” e que “Estar nesse processo aumentou minha autoestima”. Entretanto, há constatações, num tom de reclamação: “Este grupo é muito descontínuo”, ao que uma das coordenadoras comenta “A vida não é só continuidade”. Por outro lado, nos questionamos “Será que esta não é a marca deste grupo, ou seja, um grupo descontínuo?” Observamos também que embora os integrantes estivessem se autorregulando melhor não chegaram a produzir uma autogestão grupal. Em uma das últimas vivências o coterapeuta pede para que cada um busque um objeto na sala que reflita o caminho deles no grupo. Após escolherem todos falam sobre como viram o seu caminhar até aquele momento. Dessa maneira, surgem as *Temáticas*: Segurança versus Risco, Independência, Medo do Novo, Continuidade e Ruptura. Os temas se conformam à *Categoria de Análise – Processos de Autonomização*.

Portanto, a análise dos dados nos processos grupais dos três grupos pesquisados pode ser realizada por meio do estabelecimento de três *Categorias de Análise*, a saber:

- 1) *Modos de Existir* – a) Grau de Insight sobre as defesas, resistências e abertura para o “mundo”;
- b) Nível de Consciência, manejo dos afetos e expressão psicorporal; c) Índice de Contato Interno e Externo.

- 2) *Relações Interpessoais e Sociais* – a) Qualidade (compromisso, entrega) e Intensidade dos Vínculos; b) Relações autocráticas, democráticas (capacidade de escuta, limites nas relações); c) Articulação Grupo-*Socius*.
- 3) *Processos de Autonomização* – a) Grau de Independência, Emancipação; b) Sentido de Grupo (Formação de um Eu Grupal); c) Autorregulação pessoal e Autogestão Grupal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde logo, é necessário nos posicionar quanto ao lugar ocupado por nós e pelos grupos em tela. Somos uma equipe de pesquisa teórica e prática que teve por objetivo trabalhar com grupos dentro de uma perspectiva clínico-social, ou seja, os grupos foram tidos por nós como não tendo uma dinâmica apartada de um suposto social, mas, antes, produto e produtores da condição sócio-histórica. Assim, grupo e mundo não são cindidos, pois o grupo é sempre grupo no mundo, e foi dessa forma que os observamos nesta pesquisa.

Quanto à linha clínica nos encontramos dentro de uma óptica psicorporal, ou seja, para além do trabalho com a palavra, constituem nosso trabalho as intervenções diretas sobre o corpo. Com relação ao trabalho verbal, o coordenador do grupo analisa o material trazido por meio da expressão verbal e/ou corporal, visando à autoanálise, à autorregulação e à autogestão. Contudo, deixemos em evidência que o corpo do grupo não são os corpos das pessoas que formam o grupo, é a imagem que o grupo possui de si mesmo, é um esquema corporal. Desse modo, o trabalho não-verbal era realizado ora sobre os corpos dos indivíduos do grupo, ora sobre a imagem de grupo que o mesmo possuía a respeito de si próprio.

Consideramos que o trabalho com grupos foi de uma imensa complexidade e dessa maneira tornou-se impossível abranger as inúmeras condições que se apresentaram ao longo dos processos grupais. Assim, recortamos alguns desses aspectos para que nossa pesquisa pudesse apresentar uma contribuição mais substancial aos estudos, pesquisas e práticas no âmbito das terapias grupais.

Cabe alertar que os relatos dos processos terapêuticos mencionados são meramente pequenos extratos do relatório final da pesquisa, que têm o objetivo de transmitir aos leitores do presente artigo uma visão geral do desenvolvimento de cada grupo e suas vicissitudes, naquilo em que elas foram comuns aos três grupos e diferentes em cada um. Os aspectos que foram analisados na seção anterior do presente artigo podem ser descritos como: defesas; *insights*; reflexões, afetos e ações; formação do Eu grupal; consciência de si, do grupo e dos atravessamentos sociais sobre o grupo e seus membros; *contato*; autorregulação pessoal e autogestão grupal. Estes aspectos foram observados dentro das diversas configurações apresentadas pelos grupos ao longo dos seus respectivos processos grupais.

Com relação aos processos grupais, de acordo com Tellegen (1984), os grupos, *a priori*, tenderiam a apresentar níveis, embora estes possam se intercambiar ao longo do trabalho grupal: Terapia *no* Grupo (terapia individual realizada em grupo); Terapia *de* Grupo (terapia com o grupo como um todo) e, finalmente, Terapia *em* Grupo (ao final, o terapeuta torna-se também um membro do grupo), acrescentaríamos que este último nível contribuiria para a autorregulação pessoal e a autogestão grupal.

Em nossa análise dos processos grupais ficou evidente que o Grupo-Equipe chegou a formar um Eu Grupal e alcançou o estágio de Terapia em Grupo, uma vez que, ao longo e ao final do desenvolvimento do grupo, os próprios membros tomaram para eles e para o próprio grupo a gestão do mesmo. Algumas questões nos vêm à mente: o que pode ter contribuído para que isso tenha ocorrido? Os estudos teóricos teriam influenciado esse caminho? A experiência do coordenador? O tempo maior de duração deste grupo em relação aos outros dois? Ou foi um produto da força intrínseca de autogestão que há em todos os grupos? Não é possível ignorar, entretanto, que há uma característica bastante peculiar do Grupo-Equipe: a identidade prévia de todos os integrantes com o curso de formação em psicologia. Não somente isto, todos os integrantes foram formados pela mesma instituição de ensino, fazendo com que os mesmos compartilhassem de uma história em comum de pelo menos cinco anos. Essas narrativas de vida coletiva foram atravessadas por caminhos, conflitos, afetos, memórias que, em algum nível, foram experienciadas por todos, o que nos leva a refletir sobre a importância das identidades formadas previamente para a formação de uma identidade de grupo, no decorrer de um trabalho psicoterápico grupal.

O Grupo de Campo Grande, GCG, a nosso ver, ficou na condição de Terapia no Grupo, ou seja, os membros do grupo reconheceram o desenvolvimento das potências individuais, mas não chegaram a formar um Eu Grupal. Neste grupo, teria a falta de conhecimento prévio entre seus integrantes contribuído para a dificuldade de formação de um Eu grupal? Isto também justificaria a inversão em que as categorias de análise (Relações Interpessoais e Sociais; Modos de Existir) emergiram em relação ao Grupo-Equipe?

O Grupo de Laranjeiras, GL, chega a delinear um rosto, um Eu Grupal, nomeado por seus integrantes de Grupo Feminino, mas a seguir lamentaram a descontinuidade dessa feição. Com o retorno de um dos membros do sexo masculino e com a reentrada no grupo de outro homem da equipe de coordenadores, essa direção deixou de existir e se passou a aprofundar mais a análise dos processos individuais dos componentes do grupo. De forma semelhante aos membros do GCG, os integrantes do GL reconheceram que com o trabalho ali desenvolvido evoluíram como pessoas. Considerando

uma possível autocrítica, talvez pudéssemos ter trabalhado este apontamento identitário do grupo de outra maneira, ainda que com os homens ali presentes.

Deixemos claro que não é possível neste espaço transparecer a riqueza e a profundidade que compuseram a vivência de se trabalhar com grupos. As descrições aqui expostas serviram somente para fornecer uma visão geral da caminhada de cada grupo, bem como marcar semelhanças e diferenças nesses rumos.

Além disso, foi fundamental o estabelecimento de categorias de análise, pois nos permitiu consolidar uma reflexão crítica a respeito do desenvolvimento de cada grupo e utilizá-las como parâmetros de avaliação da rota de cada grupo.

Não é menos importante, destacar a força das funções de autorregulação pessoal e autogestão nos grupos. De forma semelhante, o quanto as técnicas não verbais, por meio do desvelamento do inconsciente pessoal e social, foram facilitadoras da ampliação da consciência de si e dos diversos atravessamentos do *socius*. Desse modo, favoreceram sobremaneira mudanças que naquele espaço já puderam ser observadas.

REFERÊNCIAS

- Baremblitt, G. (1992). Compêndio de análise institucional e outras correntes: Teoria e prática. Ed. Rosa dos Tempos.
- Bergson, H. (1979). A evolução criadora. Ed. Zahar.
- Câmara, M. V. A. (2009). Reich, grupos e sociedade. Ed. Annablume.
- Franco, M. A. S. (2005). Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa, 31.
- Gaulejac, V. (2018). Max Pagès. Nouvelle Revue de Psychologie, Ed. 2.
- Guattari, F. (1987). Revolução molecular: Pulsações políticas do desejo. Ed. Brasiliense.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (2011). Micropolítica: Cartografias do desejo. Ed. Vozes.
- Lapassade, G. (1989). Grupos, organizações e instituições. Ed. Francisco Alves.
- Lapassade, G. (1983). La bio-energia. Ed. Gedisa.
- Lapassade, G. (1977). El encuentro institucional. In R. Lourau et al. (Orgs.), Análisis institucional y socioanálisis. Ed. Nueva Imagen.
- Lapassade, G. (1975). Socianalyse et potentiel humain. Ed. Gauthier-Villard.
- Lüdke, M., & André, M. E. A. (1986). Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. Ed. EPU.
- Mendes, R. M., & Miskulin, R. G. S. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. Cadernos de Pesquisa, 47(165).
- Nietzsche, F. (2005) Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Ed. Companhia das Letras.
- Nogueira, T. A., & Albertini, P. (2014). Grupo de movimento: Uma revisão de literatura. Mudanças - Psicologia da Saúde, 22(1).
- PAGÈS, M. (1974) A vida afetiva dos grupos: esboço de uma teoria da relação humana. Ed. Vozes
- Reich, W. (2016). Análise do carácter. Ed. Martins Fontes.
- Reich, W. (2004). A função do orgasmo. Ed. Brasiliense.
- Reich, W. (1988). Psicologia de massas do fascismo. Ed. Presença.
- Rodrigues, H. B. C., Leitão, M. B. S., & Barros, R. D. B. (Orgs.). (1992). Grupos e instituições em análise. Ed. Rosa dos Tempos.
- Rossi, A., & Passos, E. (2014). Análise institucional: Revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. Revista EPOS, 5(1).

Saidon, O. et al. (1983). Práticas grupais. Ed. Campus.

Tellegen, T. A. (1984). Gestalt e grupos: Uma perspectiva sistêmica. Ed. Summus.

Thiollent, M. (1987). Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In C. R. Brandão (Org.), Repensando a pesquisa participante (pp. 82-103). Ed. Brasiliense.